

Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara - RS

Old age and ageing: conceptions of Tapejara's pre-schoolers

Cristiane Mazutti*

Helenice de Moura Scortegagna**

Resumo

Objetivando conhecer as concepções de pré-escolares acerca do envelhecimento humano e identificar mitos e estereótipos relacionados à velhice, realizou-se um estudo exploratório descritivo de abordagem qualitativa numa escola municipal de Tapejara/RS. Os dados foram coletados por meio de oficinas no período de agosto a setembro/2005 e o que emergiu das falas dos escolares foi categorizado utilizando-se a análise temática segundo Minayo (1998). Extraíram-se duas categorias: concepção das crianças acerca do envelhecimento humano e mitos e estereótipos acerca do envelhecimento e velhice. A primeira categoria subdividiu-se em três subcategorias: experiência de vida; vivência e trabalho; convivência e conflito; a segunda, em proximidade com a finitude humana e perdas relacionadas ao processo de envelhecimento. As crianças expressaram nas falas que a concepção relacionada ao envelhecimento e velhice é construída gradativamente, pois se faz no decorrer do seu desenvolvimento e formação como pessoa, de acordo com as

relações sociais estabelecidas com o meio em que estão inseridas. Percebem doenças e limitações como constitutivas desse processo, mas têm prazer no cultivo do convívio com o idoso que conhecem, mostrando que as relações intergeracionais são significativas na construção da concepção do envelhecimento e da velhice. Portanto, a escola pode oportunizar essa reflexão e o encontro intergeracional, pois entender que uma integração baseada na solidariedade e educar nesse sentido, oportunizando uma reflexão da vida e do seu curso natural, são formas de contribuir para uma qualidade de vida em todas as etapas, inclusive a velhice.

Palavras-chave: velhice, pré-escolar, educação infantil.

* Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade de Passo Fundo.

** Professora Adjunta do curso de Enfermagem da Universidade de Passo Fundo. Mestre em Assistência de Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Recebido em out. 2005 e avaliado em dez. 2005

Introdução

Com o crescimento demográfico da população idosa no mundo, hoje já se fala em quarta idade, pois a expectativa de vida vem aumentando. Estudos apontam que essas projeções só tendem a evoluir, tanto que até 2025 o Brasil será o sexto país em número de velhos (IBGE, 2005). Junto a essa mudança no perfil demográfico da população brasileira percebemos coexistir uma baixa qualidade de vida para os que já se encontram na velhice.

Segundo Morandini (2004), essa realidade desafia a sociedade como um todo, pois o Brasil, país em desenvolvimento, depara-se com a explosão demográfica da população idosa, o que se torna uma questão de saúde pública, trazendo preocupações à população com relação ao futuro dos idosos no país. Isso mostra a necessidade de políticas sociais e de saúde relacionadas à qualidade de vida, envolvendo governo, sociedade, família e Igreja.

Nas sociedades mais desenvolvidas, o prestígio do idoso vem sofrendo um declínio, deixando dois caminhos: no primeiro valorizam-se os velhos, com sua contribuição social, ainda que com limitações físicas, inserindo-os na sociedade, voltando, dessa forma, para uma atenção básica, investindo na cultura, educação, transformando a terceira idade como patrimônio da coletividade; no segundo, continua-se atentando para uma velhice de perdas, de desperdício, de incapacidade e dependência no qual “[...] o velho brasileiro continuará sendo visto como um peso e sua experiência um farol iluminando para trás” (SALGADO, 1999, p. 12).

Segundo Freire (1983), para a transformação dessa realidade é preciso que os homens, através de sua consciência crítica, desafiem o mundo e, com isso, construam sua história, não se adaptando a essa realidade desumanizante, pois “[...] o destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo sujeito de sua ação” (p. 38). Barroso (1999) complementa que “a educação, por suas inúmeras formas de atuação, tem possibilidades ímpares para informar, criar, incentivar, introduzir novos conceitos e estimular valores morais como um suporte, uma janela viabilizadora de novas condições para uma vida prazerosa” (p. 34).

Guimarães (2003) afirma que a educação infantil, por meio da autonomia, da ética, valorizando a diversidade cultural, busca uma identidade, com seres mais humanos, capazes de refletir e buscar soluções, percebendo o outro como parceiro para a construção do saber, preparando o cidadão para uma vida social e para a sua transformação. Educar objetiva a viabilização de espaços para que as crianças se tornem protagonistas dessas transformações, fornecendo a construção da cidadania, de modo que tenham liberdade para participar e atuar em busca de seu projeto de vida (SAITO, 2001).

O cotidiano escolar revela as potencialidades das crianças. Conhecendo o contexto e suas concepções, a educação torna-se produtiva, fornecendo mais liberdade para as crianças, incentivando-as a verem a realidade e a descobrirem outras formas de pensar e agir. É na sala de aula que ocorrem as trocas de significativas interações, que promovem o desenvolvimento das crianças através da aprendizagem.

gem adquirindo conhecimento e saberes (MÜHL e ESQUINSANI, 2004).

Segundo o Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1998), a educação favorece o cuidado e desenvolve as capacidades infantis, contribuindo para o conhecimento da realidade social e cultural, formando crianças socializadas, e o cuidado, estando integrado com a educação, auxilia no desenvolvimento do ser humano. Esse documento entende que “[...] cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades” e, para cuidar, “é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades” (p. 24-25).

Scortegagna (2001) relata que, quando pensamos em educar-cuidando e em práticas de cuidado com a vida, surge a enfermagem, que traz em sua origem o conhecimento e a compreensão desse, objetivando a transformação por meio da reflexão-ação. “A enfermagem possui dimensões sociais e de desenvolvimento das pessoas e dos grupos, o que fica implícito nas suas ações para a promoção e prevenção no processo saúde/doença, a educação” (SCORTEGAGNA, 2004, p. 65). Para que a criança cresça e se desenvolva física, mental e emocionalmente, fazem-se necessários hábitos saudáveis de saúde, e a enfermeira, como profissional do cuidado, por meio de um processo educativo, encontra na escola, pela saúde escolar, um lugar privilegiado para exercer seu papel.

Conforme a Constituição brasileira, no cap. III, seção I, artigo 205, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando

ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Assim, a enfermeira habilitada para atuar no espaço escolar adentra na escola buscando a construção pessoal e social dessas crianças (PORTELLA e DALBOSCO, 2004).

Segundo Scortegagna (2001), é necessário que a enfermeira, como cuidadora-educadora, vá ao encontro dos escolares e, por meio de seu conhecimento e preparação, possibilite um processo educativo baseado na reflexão-ação. Assim, propiciará que as crianças transitem nesse mundo de forma crítica, como sujeitos interventores no futuro que cada um pode construir hoje, (re)significando seus conceitos internos e através de interações, compreendam seu comprometimento com a vida.

Acreditando que só se farão práticas educacionais mais efetivas conhecendo a realidade, buscamos através deste estudo conhecer as concepções da criança da pré-escola acerca do envelhecimento humano e identificar mitos e estereótipos acerca do envelhecimento e velhice, para contribuir, dessa forma, desde a infância, na busca do ser saudável no processo de envelhecimento próprio e social.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de abordagem qualitativa, desenvolvido numa escola de ensino fundamental no município de Tapejara - RS.

Participaram do estudo crianças da pré-escola que freqüentam a instituição no turno da manhã. A proposta de trabalho foi desenvolvida em forma de oficinas, apoiadas no diálogo reflexivo e por meio da construção de atividades lúdicas pe-

los escolares, conforme metodologia de Scortegagna (2001). Os encontros foram realizados semanalmente no período de agosto a setembro de 2005, perfazendo um total de sete encontros, com duração de no máximo 40 minutos.

O registro dos dados foi realizado por meio de gravação em fita cassete, mediante autorização da instituição e anotações pontuais no diário de campo da pesquisadora. Os dados foram explorados por meio de leitura e releitura, analisados qualitativa e concomitantemente à sua coleta. Para classificar e agregar os dados encontrados utilizou-se a análise temática (MINAYO, 1998).

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, sob o protocolo nº 659/2005, e observou as diretrizes da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Caracterização dos participantes

Com a intenção de caracterizar os sujeitos da pesquisa foi realizado um estudo exploratório por meio de análise documental da escola, o qual permitiu conhecer um pouco da realidade dos sujeitos do estudo e alguns dados referentes ao grupo.

A pesquisa foi realizada com um grupo de 18 pré-escolares, matriculados no turno da manhã, dos quais nove eram meninos e nove, meninas. As idades variaram entre seis e sete anos de idade, havendo uma maior concentração na faixa etária dos seis anos, perfazendo um total de 16 crianças. Quanto à naturalidade, 13 crianças nasceram no próprio município e cinco são naturais de outros municípios ou até mesmo de outro estado. Das 18 crianças, dez residem com seus pais e irmãos; quatro com avós

e outros membros da família; quatro, com outros familiares e, desses, muitos possuem um convívio com seus avós. Relacionado a profissão dos pais, apareceram as mais variadas, entre elas: do lar, mecânico, costureira, doméstica, administrador, pintor, agricultor, pedreiro, operador de máquinas, secretária, corretor de imóveis, padeiro, motorista, funcionários de fábricas e desempregados. A respeito de moradia, 11 possuem casa própria e sete moram em casas alugadas.

Resultados e discussão

Concomitante aos encontros realizados com os pré-escolares era feita a análise dos dados com base na qual se extraíram duas categorias: *concepção das crianças acerca do envelhecimento humano*; *mitos e estereótipos acerca do envelhecimento e velhice*. A primeira categoria subdividiu-se em três subcategorias: experiência de vida; vivência e trabalho; convivência e conflito. A segunda categoria subdividiu-se nas subcategorias proximidade com a finitude humana e perdas relacionadas ao processo de envelhecimento.

Concepção da criança acerca do envelhecimento humano

a) *Experiência de vida*

A experiência de vida transmite-se por meio da convivência, das trocas que acontecem no dia-a-dia nas relações que se estabelecem no contexto familiar. Essa interação pode ser benéfica tanto para as crianças como para os idosos, conforme são construídos os vínculos afetivos. Nas oficinas, as falas dos pré-escolares demonstram que há integração intergera-

cional e o quanto esta é importante para as crianças e, certamente, para os idosos. Isso porque, conforme Scortegagna (2004), “cada pessoa tem uma forma própria de ver e perceber o mundo, de acordo com sua trajetória de vida e com sua experiência de ser e estar no mundo” (p. 58). Quando a interação acontece na totalidade de cada ser, envolvendo mundos diferentes, torna-se possível descobrir o outro e a si mesmo (SCORTEGAGNA, 2001).

De acordo com as falas apresentadas a seguir, observa-se que a criança, pela convivência e diálogo com seus avós, conhece sua história de vida, resgatando-a e aprendendo a valorizar sua cultura e seus valores, pois o processo de viver e envelhecer é contínuo.

[...] meu vô fazia carrinho de madeira.

[...] minha vó pulava corda, brincava de pega-pega e de cola.

[...] a vó conta que, quando ela era pequena, não tinha guarda-chuva, ela usava um saco de açúcar na cabeça.

Com essa aproximação, as crianças percebem que os avós já foram crianças e, por meio dessas trocas, desenvolvem afeto, solidariedade e um cuidado compartilhado. Isso confirma o pressuposto de que a concepção de velhice está relacionada principalmente com o contexto familiar, que permite, por meio do convívio com os idosos, uma transformação recíproca.

As trocas intergeracionais podem beneficiar o idoso ao permitir que este utilize sua experiência de vida acumulada, transmitindo o passado, sua cultura, seus valores, sua história de vida. Assim, as crianças podem construir uma concepção positiva da velhice, fortalecendo seu relacionamen-

to com os idosos e transmitindo-lhes sua vitalidade e alegria.

Junto ao contexto familiar temos o contexto escolar, no qual a criança inicia suas relações com o mundo. A escola tem um papel social significativo nesse processo, pois é um espaço que permite essa interação, por meio de estímulo, de aprendizado, de reflexão da realidade, por meio de trocas e das vivências compartilhadas. A escola pode despertar a criança para assumir uma postura ativa perante o processo de viver e envelhecer, pois um viver saudável resultará num envelhecer saudável.

Both e Benincá (2005) afirmam que a escola, por meio da realização de tarefas escolares em família, propicia uma via de fortalecimento da solidariedade intergeracional, desenvolvendo a proteção e ajuda mútua, especialmente no advento da velhice.

Setúbal (1996) assinala que nesse processo de pessoas envelhecendo a escola tem uma importância social fundamental, levando as crianças a desenvolverem uma nova concepção de envelhecimento, que valorize a memória e as trocas, que são valiosas entre as gerações. Segundo Scortegagna (2004), “todo idoso já foi uma criança e toda criança, ao longo de seu crescimento e desenvolvimento, vislumbra sua velhice” (p. 55).

b) *Vivência e trabalho*

De acordo com Saito (2001), a infância é o período da vida de significativa importância no processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano, na qual a educação deve promover a autonomia através das experiências e vivências das crianças, refletindo e criando responsabilidades e fornecendo liberdade de escolha.

No decorrer das oficinas ficou explícito o quanto as crianças se espelham nos avós, conforme as atividades que esses desenvolvem, considerando-os como exemplos de vida. Elas tendem a reproduzir o que observam e o que vivenciam no seu cotidiano. Ao projetarem seu futuro, as crianças expressaram querer dar continuidade ao que hoje observam ser atividades desenvolvidas pelos seus avós.

[...] eu gosto de caminhão porque meu vô tem um e, eu ando com ele.

[...] eu idosa colhendo flores, igual minha vô.

Nas falas percebe-se que o processo constitutivo da criança acerca do viver e envelhecer está diretamente relacionado com o que ocorre a sua volta, conforme o contexto em que está inserida. É de acordo com as relações no grupo familiar que a criança inicia o processo de construção da imagem da velhice, podendo ser positivo ou negativo de acordo com a integração intergeracional estabelecida.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), as crianças têm uma imaginação, uma concepção própria de pensar e desenvolver, construindo o conhecimento por meio das interações com o meio em que vivem, com criatividade e (re)significação. O documento prossegue afirmando que a criança constrói sua identidade gradativamente, pelas interações sociais, nas quais ela imita ou faz uso da oposição, utilizando seus recursos pessoais. Sua identidade de origem está com quem conviveu no início de sua vida, quase sempre a família, na qual faz a sua primeira socialização. Porém, além da família, a criança tem outras

vivências, como a igreja, clube, festas da sua comunidade, por meio das quais vai adquirindo conhecimentos, que, somados aos seus valores e crenças, propiciam a construção de sua identidade.

c) *Convivência e conflito*

Para Marques e Evangelista (2002), a primeira compreensão do mundo para a criança é formada na família, que é um veículo de comunicação e formação de personalidade, pois transmite valores e propicia a abertura para a realidade ou cria sua própria realidade, que pode não corresponder com a da sociedade.

O convívio dos escolares com seus avós tem sido cada vez mais freqüente em decorrência do aumento da expectativa de vida. Muitas crianças conhecem seus quatro avós e, até mesmo, um ou dois bisavós na sociedade contemporânea. Essa convivência intergeracional é positiva, mas pode ser permeada por conflitos. Conforme Novaes (apud SILVEIRA, 2002), contradições e incertezas estarão sempre presentes. Cabe, pois, aos homens buscarem caminhos que propiciem a expansão do conhecimento e do saber com vista a um viver e envelhecer saudável.

Portanto, os conflitos fazem parte das relações entre os seres, mas em razão das diferenças geracionais na convivência podem acontecer não explicitamente, e, sim, de uma forma velada.

Ao mesmo tempo em que apareceram no decorrer das oficinas representações positivas relacionadas às interações intergeracionais, percebe-se nas falas das crianças, apresentadas a seguir, um outro lado desse convívio, muitas vezes gerado por conflitos.

[...] eu me desenhei braba com minha vó, porque ela ficou braba porque eu tinha saído.

[...] aqui eu desenhei minha vó segurando meu carrinho para eu não quebrar.

As relações sociais e intergeracionais que se estabelecem são permeadas por conflitos, e a escola, como espaço que abriga a diversidade, promove a integração intergeracional. Por meio de uma educação para a solidariedade e o cuidado compartilhado, a escola é um ambiente no qual se propicia que a criança adquira essa experiência, aprendendo a respeitar as diferenças.

Para Bini (2003), é por meio do espaço escolar que a criança tem a possibilidade de desvelar, reinventar, aprender a conhecer, a pensar, a conviver e aprender a ser, sendo a principal protagonista no processo de sua formação pessoal e social. A instituição escolar permite que as crianças percebam as várias realidades existentes, com isso adquirindo saberes pela interação com outras crianças, com suas diversidades, tornando-se mais socializadas e autônomas (BRASIL, 1998).

Dessa forma, validamos o pressuposto de que o espaço escolar, pelas vivências e diversidades no contexto que proporciona, possibilita que a criança construa ou (re)construa sua concepção acerca do envelhecimento social. Os laços afetivos construídos entre avós e netos a partir da infância e a história familiar experienciada são significativos para o enfrentamento das diferenças e o desenvolvimento de estratégias que permitam o respeito e a tolerância das mesmas, propiciando um compartilhar relações.

Mitos e estereótipos acerca do envelhecimento e velhice

a) *Proximidade com a finitude humana*

No decorrer dos encontros pôde-se observar que o entendimento das crianças sobre velhice está relacionado à etapa final do ciclo vital do ser humano. Elas percebem que fazem parte do desenvolvimento a infância, a idade adulta e a velhice e que esta etapa, por “ser a última”, nos coloca frente à nossa própria finitude. Para elas, a velhice é um processo natural e irreversível, conforme as falas descritas abaixo.

[...] né prô, que véio morre e véia também.

[...] daí eu morro, depois de velhinho, velhinho eu morro.

Considerando essa questão, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2002) salienta que a proximidade com a finitude humana é um mito que deve ser superado, pois se sabe que todos estão expostos a esse acontecimento e que, muitas vezes, é criado socialmente através da fome, da desvalorização do ser humano, da busca do lucro sem ética e da violência, que, juntos, degradam o ser humano.

O Brasil, país caracterizado pela heterogeneidade socioeconômica, encontra-se diante de situações nas quais, “lamentavelmente, a pobreza de alguns idosos, o estado de abandono em instituições asilares e a precariedade sócio-cultural de outros, reforçam esta imagem e perpetuam os preconceitos” (SALGADO apud MORANDINI, 2004, p. 299).

Considerando a realidade brasileira, percebemos a necessidade de tornar o homem crítico e consciente em relação ao

significado da velhice e do valor cultural dos idosos em qualquer etapa da vida, redefinindo mitos e preconceitos que fazem parte da construção da imagem social do processo do envelhecimento. Isso permitirá descobrir a importância da educação, começando nos primeiros anos de escolaridade e continuando a adquirir conhecimento para viver plenamente em sociedade. É a socialização também um método de educação humana (WALBER, 2004).

A atitude perante o envelhecimento é determinante para desenvolver habilidades de enfrentamento das limitações muitas vezes impostas por esse processo, que pode ser visto não como o fim, mas como uma nova etapa que inicia, com diferenças a considerar, mas nem por isso irrelevante.

b) *Perdas relacionadas ao processo de envelhecimento*

Confirma-se pelas falas dos pré-escolares descritas a seguir o pressuposto de que a visão relacionada ao envelhecimento enfatiza as perdas ocorridas nesse processo, criando percepções distorcidas da velhice e gerando, com isso, preconceitos e estereótipos.

[...] eu disse pra mãe que, quando eu ficar veio eu vou no médico.

[...] depois de ficar velhinho, velhinho, tem que usar bengala.

A percepção da velhice é associada com doenças, fraqueza, fragilidade e, aliados a essas perdas, vêm a negação e o medo das crianças dessa etapa da vida, pois, quando questionadas se queriam chegar à velhice, a maioria relatou não querer ficar velho ou ter medo da velhice, em virtude das limitações que ocorrem ao longo desse processo.

[...] eu tenho medo de ficar velho.

[...] eu não quero ficar velho, também tenho medo.

Essa negatividade relacionada à velhice e expressada pelas crianças através do medo é uma construção social que traduz valores e representações vigentes. A imagem do ser velho hoje, numa sociedade utilitária, é permeada por mitos e preconceitos que são incorporados e transmitidos entre as gerações, construindo, dessa forma, a representação do ser velho individual e coletivo. Quando questionados numa oficina sobre o que era envelhecer para eles, pôde-se observar nas falas que a velhice é entendida como um período de enfermidades.

[...] envelhecer é ficar doente.

[...] envelhecer é quebrar a perna.

[...] envelhecer é quebrar o braço.

Para a CNBB (2002), junto à mudança no perfil demográfico brasileiro, presenciávamos também uma mudança no perfil epidemiológico e, apesar do avanço da ciência, que tem permitido o prolongamento da vida, percebemos existir uma negação da população à sua implicação, o envelhecimento. Conforme Debert (2004), a tendência é revisar esses mitos relacionados ao envelhecimento e velhice, pois esse processo associado a perdas leva a que se busque uma reflexão, por ser uma etapa aliada muitas vezes a conquistas e satisfação pessoal.

Muitos também foram os mitos expressados pelas crianças quando se tratava da velhice, pois a imagem corporal é supervalorizada desde a infância e configurada no amplo imaginário social, que se materia-

Velhice e envelhecimento...

liza sobretudo nas propagandas, novelas, filmes e no apelo maciço ao consumismo, introjetando nos indivíduos a existência de mitos e estereótipos com os quais a velhice é tratada.

[...] quando eu ser grande eu quero pintar meu cabelo.

[...] ter cabelo branquinho eu não quero.

[...] eu quero pintar igual o do Glauco.

Pode-se ver claramente por meio das falas das crianças a importância da beleza, de permanecer bonita no decorrer do processo do envelhecimento humano, fazendo com que busquem formas de retardar os sinais da velhice, ocultando, dessa forma, uma identidade de sofrimento e de flagelo vividos pela sociedade, de um modo geral.

Todos esses preconceitos estão relacionados à sociedade moderna, que aumenta a expectativa de vida e o crescimento da população idosa, opondo-se ao mito da juventude eterna, que é reforçado muitas vezes pela mídia e pelos veículos de comunicação, os quais retratam os seres envelhecidos como excluídos socialmente (SCORTEGAGNA, 2001).

Assim, segundo Scortegagna (2001), faz-se necessário que a criança desenvolva, por meio da educação, sua objetividade, tornando-se crítica e consciente do mundo que a cerca, buscando a reflexão sobre o envelhecimento e o envelhecer saudável. Com isso, objetivam-se o resgate de valores, a quebra de falsos conceitos, mitos e preconceitos que existem em torno do envelhecer, chamando a atenção que o ser humano é um ser inacabado, único e que as experiências vividas por ele vão

influenciar sempre, positiva ou negativamente, em nossas vidas.

Considerações finais

Este estudo foi muito gratificante porque o contato com os escolares, antes nunca vivenciado, possibilitou o compartilhamento de momentos singulares, contribuindo, assim, para o crescimento pessoal e profissional. Eles demonstraram muito entusiasmo em participar dos encontros e em trabalhar o tema abordado, facilitando, dessa forma, o caminho da pesquisa.

Não houve dificuldades relacionadas à instituição, pois esta se mostrou como um espaço aberto para uma reflexão sobre o processo do envelhecimento. No entanto, a realização deste estudo representou um desafio no que se refere a trabalhar com pré-escolares, pois foi necessário respeitar as diferentes capacidades, em razão da faixa etária e da diversidade de culturas e valores.

O estudo possibilitou que os objetivos fossem alcançados e que no decorrer dos encontros houvesse a confirmação dos pressupostos. As crianças mostraram seu entendimento expressando nas falas a concepção relacionada a envelhecimento e velhice construída gradativamente, ou seja, no decorrer do seu desenvolvimento e formação como pessoa, de acordo com as relações sociais estabelecidas com o meio em que estão inseridas.

Apesar de perceberem as doenças e as limitações muitas vezes impostas pela velhice, elas têm prazer no cultivo do convívio com o idoso que conhecem, mostrando que as relações estabelecidas

são significativas nesse processo de construção da concepção do envelhecimento e do ser velho.

Quanto mais jovem se oportunizar a reflexão da vida e do seu curso natural, possibilitando às crianças efetuarem escolhas, como forma de terem uma atitude ativa, de serem sujeito da sua história, mais se fará pela sociedade que envelhece e carece de atenção, possibilitando um envelhecer com qualidade, estimulado desde a infância por meio do cuidado compartilhado quanto à valorização da pessoa idosa.

A escola pode oportunizar essa reflexão e o encontro intergeracional, pois entender que uma integração se faz baseada na solidariedade e educar o jovem para isso é contribuir para uma qualidade de vida em todas as etapas, inclusive na velhice.

Portanto, para mudar a realidade relacionada com preconceitos e exclusão social envolvendo uma parcela significativa da população de idosos, faz-se necessário uma reflexão mais pragmática acerca do envelhecimento. Uma educação que possibilite a reflexão-ação permitirá que cada sujeito seja ativo na busca de adequados hábitos de vida para um viver e envelhecer saudável e uma melhor convivência por meio da interação entre as gerações. Para tanto, a escola, que tem um papel não só cultural, mas também social, tem de estar aberta para tais discussões, propiciando um mundo mais justo e com a devida valorização humana.

Abstract

The objective of this study is to know conceptions of pre-schoolers about ageing and identify myths and stereotypes related to old age, it was carried out a descriptive exploratory study of a qualitative approach, in a municipal school of Tapejara/RS. The data were collected by means of workshops, in the period of August to September/2005 and what came up from the schoolers talk was categorized, using the thematic analysis according to Minayo (1998). Two categories were extracted: children conception about ageing and myths and stereotypes about ageing and old age. The first category is subdivided in three subcategories: life experience; experience and work; coexistence and conflict and, the second was subdivided in proximity with human finite and losses related to the old age process. The children expressed in their talk that the conception related to old age and ageing is gradually built because it is made along with its development and formation as a person, according to social relations established with the ambient which they are inserted. Diseases and limitations are noticed as constituent of this process, but it has pleasure on the coexistence cultivation with elderly who they know, showing that the intergenerative are significant in building the conception of old age and ageing. Therefore, the school can facilitate this reflection and the intergenerative meet, since to understand that an integration based on solidarity and educate in this sense, facilitating a life reflection and of its natural course, are ways of contributing for a quality of life in all stages, including ageing.

Key words: old age, pre-schooler, children education.

Referências

- BARROSO, M. J. R. A iniciativa pública e privada nos serviços de saúde, educação, cultura e lazer. *A Terceira Idade*, São Paulo, n. 17, p. 28-38, ago. 1999.
- BOTH, A.; BENINCÁ, C. Temas da casa: caminho de aprendizado e de solidariedade entre gerações. In: SANTIN, J. R.; VIEIRA, P. S.; FILHO, H. T. (Org.). *Envelhecimento humano: saúde e dignidade*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- BINI, E. A nossa escola. *Mundo Jovem* - um jornal de idéias, Porto Alegre, fev. 2003.
- BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-CNBB. *Fraternidade e pessoas idosas: manual da campanha da fraternidade 2003*. São Paulo: Salesiana, 2002.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: USP, 2004.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GUIMARÃES, R. A. Q. A escola cidadã e os desafios da sociedade pós-moderna. *Mundo Jovem* - um jornal de idéias, Porto Alegre, mar. 2003.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 abr. 2005.
- MARQUES, C. D.; EVANGELISTA, F. A aldeia global: os meios de comunicação e a massificação cultural. *Mundo Jovem* - um jornal de idéias, Porto Alegre, maio 2002.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1998.
- MORANDINI, J. A velhice: abordagem social e jurídica In: PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETTINELLI, L. A. (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectiva*. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 288-310.
- MÜHL, E. E.; ESQUINSANI, V. Diálogo: ressignificação da prática pedagógica no cotidiano escolar. In: MÜHL, E. H.; ESQUINSANI, V. A. (Org.). *O diálogo ressignificando o cotidiano escolar*. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 7-14.
- PORTELLA, M. R.; DALBOSCO, J. Recursos humanos para atuação em gerontogeriatria: uma experiência pedagógica implementada na formação de técnicos de enfermagem. In: PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETTINELLI, L. A. (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectiva*. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 36-45.
- SAITO, M. I. O adolescente como protagonista e agente de transformação: o projeto de vida em questão. *Pediatria Moderna*, v. 37, p. 41-44, maio 2001.
- SALGADO, M. A. O idoso brasileiro no próximo século. *Terceira Idade*, São Paulo, n. 17, p. 5-13, ago. 1999.
- SETÚBAL, M. F. O. A função social da escola frente ao processo de envelhecimento da população. *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, p. 63-64, maio 1996.
- SILVEIRA, T. M. Convívio de gerações: ampliando possibilidades. *Textos sobre envelhecimento*. v. 4, n. 17. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.unati.uerj.br/tse/index.php>>. Acesso em: set. 2004.
- SCORTEGAGNA, H. M. *Vivendo e aprendendo para um envelhecer saudável*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- _____. A educação gerontológica aplicada a escolares: o olhar da enfermeira. In: PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETTINELLI, L. A. (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectiva*. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 46-72.

WALBER, E. W. Viver-envelhecer consciente: a escola como espaço decisivo para a qualidade de vida na terceira idade. In: BOTH, A.; MAIAS, L. G.; GIUSTI, I. (Org.). *Os mais velhos... em novos tempos*. Passo Fundo: Berthier, 2004. p. 55-60.

Endereço:

Cristiane Mazutti
Rua do Comércio, 2696
Bairro São Paulo
CEP 99950-000
Tapejara - RS
E-mail: cris.mazutti@ig.com.br